



Caneta mais icônica da marca Parker 51 é relançada com o nome de Parker 51 Deluxe

PAG. 8



A caneta Parker 51 agora tem outro nome: Waterman Carène

Em viagem de férias pelo Irã, Themis Carvalho ficou encantada com a cultura do Oriente Médio

PAG. 3

Reprodução



NA FESTA

em homenagem às mulheres empreendedoras, na Assembleia Legislativa do Estado, Maria Clara Pinho Lima, 22 anos, filha de Adriana e do jornalista Félix Alberto Lima, foi a mais jovem homenageada, por sua competente atuação na área de confeitaria

PAGS. 4, 5 e 6

Tomara que o dia tenha amanhecido translúcido como o céu do Juízo Final e que o perfil da praia do Calhau se recorte contra o azul infinito, sem qualquer nuvem a lhe sobrevoar o nariz. Se está fazendo um belo dia de sol, será mais um dia para fruir os cenários da Ilha e para agradecer ao São José de Ribamar por essa terra que Ele elegeu para "morar".

Ah, que bela ilha escolhemos pra viver! Mas precisamos dos trapiches para embarcar em nossas canoas bordadas, nossos barcos pesqueiros, nossas canoas de pobres e até em nossas lanchas de ricos – pois o mar é nosso e é o mesmo mar sobre o qual um dia caminhaste e realizaste o milagre da multiplicação dos peixes.

O mar é o verdadeiro espelho do Céu, já poeta Fernando Pessoa, contemplando o Tejo da Torre de Belém, quem sabe num dia translúcido como o de hoje, em que a preguiça boia com a languidez de um lerdão catamarã atravessando a baía de São Marcos, entre o Cais da Sagração e o antigo Forte da Ponta d'Areia.

Vejo o poeta Pessoa contemplar o nosso mar e pensar por que através dele não se aventuram mais os ilhéus e suas sereias, mais os marinheiros e os navegantes de fim de semana – ou não será mais esta Ilha uma porção de terra cercada de mar por todos os lados?

Percebo um laivo de tristeza no poeta, cuja alma

À BEIRA D'ÁGUA

em mais um dia para fruir os cenários desta bela Ilha que um dia escolhemos para viver

portuguesa se apressa a dizer:

– Mar foi feito para ser singrado.

O poeta pensou no mar e naqueles bravos que nos deram a vida para desbravá-lo, pavimentando com destemor a sua estrada de ondas e espumas. Um dia, o bardo, que na juventude conheceu o Índico e o Atlântico, escreveu:

"Por te cruzarmos, quantas mães choraram, quantos filhos em vão rezaram! Quantas noivas ficaram por casar para que fosses nosso, ó mar! Valeu a pena? Tudo vale a pena se a alma não é pequena".

E, no entanto, aqui, nesta ilha tropical o poeta pressente que "este mar ainda não é nosso". Um mar sem trapiches é como um rio sem pontes! – sopraria o poeta Vinícius, solidário com todos os heterônimos do colega luso.

E, contemplando a beleza indizível do Calhau, Vinícius de Moraes lembraria a crônica do velho Rubem Bra-

ga, enaltecendo a reverência portuguesa pelo mar e pelos seus navegadores. Descrevia um encontro de lisboetas, no Rio, com o transatlântico luso "Santa Maria". O belo barco aparecera na enseada de Botafogo, desaparecera atrás do Pão de Açúcar para ressurgir em Copacabana, Ipanema e Leblon, sempre acompanhado pelos "patricios" – que o seguiam por terra, e de táxi!

Belo "Santa Maria". Ao ressurgir ao largo da Avenida Atlântica, já em mar alto, os "portugas" deliraram, atirando seus chapéus para o alto e gritando em celebração para os passantes:

– É o Santa Maria! É o Santa Maria!

Pois aqui, na Ilha de São Luís, esta visão do transatlântico não teria sido possível, eis que o velho porto da cidade já não serve para mais nada, desde os anos ditos "dourados" de 1950 e 1960. Época em que havia até muitos trapiches, mas já não mantinham o ca-

nal aberto para os grandes barcos, de calado um pouco mais exigente do que o de uma prosaica lancha de pesca. Com o tempo, até os trapiches sumiram.

Até parece que esta cidade, medularmente marinha, "garrou nojo do mar", como diria um ilhéu genuíno. Sabemos que, houve época, o trânsito de embarcações entre a Ilha e o Continente era intenso, como alguns pintores da época retrataram em suas telas memoráveis.

O que secou não foi o mar. Foi a vontade política dos que tinham a obrigação de zelar pela boa navegação, mantendo o porto e os trapiches em boas condições de uso – ligando São Luís ao mundo.

Em dias de azul infinito, presente do Supremo Arquiteto, o mar de São Luís abre sua generosa via para as poucas embarcações que teimam riscar as águas da baía, como quem corta um cristal. Ter um barco nesta cidade, por mais simples que seja – de um modesto caíque a uma lancha oceânica – é ato de puro heroísmo.

Nosso mar rendilhado deveria ser a solução ideal para a imobilidade urbana, trilha líquida aberta ao sabor dos bons ventos para aliviar o infarto no coração da cidade, sempre que esta quisesse chegar à beira d'água.

Deveríamos todos ser Colombos, Américos e Cabrais, a bordo de suas Santa Marias, Pintas e Ninias, rumo a todas as nossas belezas de areia fina e águas tépidas.



Mulher japonesa admira as cerejeiras em flor

SAKURA!

As cerejeiras do Japão já começaram a florir

Está aberta a temporada das cerejeiras em flor no Japão e do hanami, com o despertar das primeiras pétalas em Tóquio. O florir das sakura, um dos fenômenos mais aguardados do ano, e celebrado na tradição japonesa com piqueniques debaixo das copas das árvores (hanami), está ocorrendo mais cedo – igualando recordes em diferentes pontos do país.

De acordo com a agência meteorológica, é esperado que as temperaturas se mantenham “mais altas do que o normal” nos próximos dias um pouco por todo o país, fazendo com que a floração das cerejeiras também ocorra “mais cedo do que o normal em vários lugares”.

Nos últimos dias, as temperaturas em Tóquio tinham estado “muito mais elevadas do que o normal”, com “três de cinco dias a atingir temperaturas máximas de 20°C ou mais”.

Além dos dias quentes, “as alterações climáticas também podem ter desempenhado um papel”, disse um porta-voz da agência meteorológica às câmaras de televisão. Em 2021, a agência já tinha previsto que o início precoce da floração estaria ligado à tendência de subida das temperaturas.

Na capital, as cerejeiras deverão atingir o pico da floração na próxima semana, altura em que as primeiras flores deverão começar a abrir em cidades como Quioto e Osaka.

O fenômeno costuma durar cerca de dez dias, dependendo das condições meteorológicas.

Com a floração das primeiras cerejeiras arranca o hanami, a tradição japonesa de admirar as pétalas coloridas das sakura e celebrar a chegada da Primavera com piqueniques debaixo das copas das árvores.

Depois de três anos de fortes restrições devido à pandemia, é a primeira vez que os parques de Tóquio voltam a permitir os tradicionais piqueniques, à medida que o governo

continua a aliviar as medidas impostas no combate à covid-19.

É também o primeiro ano desde a pandemia que os turistas estrangeiros poderão observar o fenómeno no Japão, depois das fronteiras terem se mantido fechadas até setembro do ano passado. Estão também de volta os grandes eventos ligados às cerejeiras em flor, como o Meguro River Sakura Festival, cancelado nos últimos três anos.

Alterações Climáticas

Há 1200 anos que as cerejeiras em flor de Quioto não desabrochavam tão cedo. Especialistas dizem que a Primavera cada vez mais precoce no Japão é um indício claro das alterações climáticas e da cada vez maior urbanização do planeta.

Depois de um mês de março excepcionalmente quente no Japão, as cerejeiras em flor desabrocharam na semana passada em Quioto, naquela que foi a floração mais precoce desde que se iniciaram os registos há mais de 1200 anos. O fenómeno enquadra-se no padrão da chegada cada vez mais antecipada da Primavera nos últimos anos, um indício convincente das alterações climáticas, dizem os especialistas.

O dia 26 de março do ano passado, data da floração plena, superou o anterior detentor do recorde, o dia 27 de março de 1409, quase um século antes de Cristóvão Colombo navegar em direção à América e de Pedro Álvares Cabral descobrir o Brasil. Os primeiros registos datam de 812 d.C., não muito tempo depois de Carlos Magno ter sido coroado imperador do Sacro Império Romano.

“O registo das cerejeiras em flor de Quioto é incrivelmente valioso para a investigação das alterações climáticas, devido à extensão e forte sensibilidade da floração às temperaturas primaveris”, afirma Benjamin Cook, um cientista e

pesquisador da Universidade de Columbia, especializado na reconstrução de informação climática do passado. Primaveras mais quentes significam, por norma, uma floração mais precoce.

Únicos pela sua longevidade, os registos do desabrochar das cerejeiras em flor mostram que a data média da floração total se manteve relativamente estável durante cerca de mil anos, entre 812 e 1800. Porém, os picos têm sofrido uma descida abrupta desde então, surgindo cada vez mais cedo na Primavera.

“Desde o século XIX que o aquecimento global tem levado a uma tendência constante de floração mais precoce, que se continua a verificar nos dias de hoje”, diz Cook. “Parte deste aquecimento deve-se às alterações climáticas, mas deriva também, provavelmente, do efeito das ilhas de calor, que é intensificado pelo aumento da urbanização ao longo dos últimos séculos”.

A informação é um tesouro precioso, que tem sido mantida por imperadores, aristocratas, governadores e monges por vários séculos. Recentemente, Yasuyuki Aono, um cientista da Universidade de Osaka, monitorizou os registos da floração e disponibilizou-os online.

É o nono ano consecutivo em que se regista um desabrochar das flores mais cedo do que o normal, após uma semana em que as temperaturas subiram pelo menos até aos 68 graus Fahrenheit (20 graus Celsius). Em Tóquio, a data média da floração total é 25 de março.

Em Quioto, a antecipação do desabrochar das cerejeiras flores tem sido a mais rápida dos últimos 100 a 150 anos. Em 1850, a data média de floração rondava o dia 17 de abril; agora está mais próxima de 5 de abril. Durante este período, a temperatura média em Quioto subiu cerca de 6 graus Fahrenheit (3,4 Celsius).

O ÚLTIMO JACARANDÁ FLORIDO DE LISBOA

Era o mês de junho quando desembarquei em Lisboa, minha última visita à cidade, antes da pandemia. Dessa vez não procurei o primeiro jacarandá florindo. Procurei o

Era o mês de junho quando desembarquei em Lisboa, minha última visita à cidade, antes da pandemia. Dessa vez não procurei o primeiro jacarandá florindo. Procurei andar como milhares de lisboetas, à procura do primeiro jacarandá a florir na cidade de Lisboa. Eles floriram, como todos os anos. Sabemos que as flores vêm sempre, estendendo pelas ruas tapetes entre o azul e o roxo. Há um jacarandá bem perto do hotel onde sempre me hospedo. E muitos outros pelo caminho que faço todas as manhãs quando estou na capital portuguesa.

São árvores de outras paragens. Têm um nome de origem indígena – “jacarandá” é palavra da língua tupi-guarani. Foram levadas do Brasil para Lisboa por Félix de Avelar Brotero, diretor do Jardim Botânico da Ajuda no início do século XIX. Deram-se bem por lá e, como em outras cidades do mundo, foram plantadas em muitos locais precisamente por causa dessa explosão de azul e roxo que todos os anos anuncia a chegada do verão.

Nos anos 1990 fiz minha primeira – e única – viagem ao Japão. E para sorte minha foi no começo da Primavera, em plena época das cerejeiras em flor. Nos jardins de Tóquio, havia logo cedo toalhas marcando lugar debaixo de cada cerejeira. Os japoneses acreditam que dá sorte estar por baixo de uma cerejeira quando a primeira flor abrir, e por isso organizam-se para guardar lugar nos jardins, onde fazem piqueniques – li mesmo que nas empresas um dos colegas de trabalho é destacado para essa tarefa.

Nos templos de Quioto, mulheres vestidas com quimonos também floridos, e segurando delicados chapéus-de-sol, avançam em passos pequeninos para junto das cerejeiras e deixam-se fotografar pelas amigas com os rostos sorridentes encostados às florzinhas brancas.

Percorremos o Caminho do Filósofo debaixo de uma chuva branca, uma neve que não faz frio, como a da lenda do rei mouro que mandou plantar amendoeiras para curar a sua amada, uma bela e loira princesa do Norte, das saudades da neve.

Casais de namorados, de traje tradicional japonês e mãos dadas, tiram também fotos debaixo dos ramos destas árvores. Há uma alegria infantil neles, como se nunca tivessem visto uma cerejeira em flor e cada vislumbre de uma delas fosse uma revelação. Talvez isso venha da sábia arte de viver cada momento

como se fosse único e nunca igual. De saber que as flores deste ano não são as flores do ano passado e que temos de olhar para elas mais uma vez como se fosse a primeira vez. Porque, na verdade, é a primeira vez.

De volta ao Brasil, fiz escala de três dias em Lisboa. Mas os portugueses não são japoneses e por isso a alegria de ver os jacarandás florir tem menos essa inocência infantil e mais uma espécie de doce melancolia – e talvez seja por isso que as flores deles são brancas e as nossas – portuguesas e brasileiras – são roxas.

Eugênio de Andrade (1923-2005), um dos maiores poetas portugueses contemporâneos, dedicou-lhes um poema, Aos Jacarandás de Lisboa:

*São eles que anunciam o verão.
Não sei de outra glória, de outro paraíso: à sua entrada os jacarandás estão em flor, um de cada lado.
E um sorriso, tranquila morada,
à minha espera.
O espaço a toda a roda
multiplica os seus espelhos, abre varandas para o mar.
É como nos sonhos mais pueris:
posso voar quase rente
às nuvens altas – irmão dos pássaros –,
perder-me no ar.*

Mas parece injusto que, tirando algumas exceções, sejam tão pouco cantados. Mereciam mais: poemas, romarias, uma festa inteira dedicada a eles. É verdade – temos de o reconhecer – que não pensamos nos jacarandás no resto do ano. As árvores, essas, estão sempre ali, nos mesmos locais da cidade, mas sem as flores roxas tendemos a esquecê-las, numa demonstração de indesculpável ingratidão. Talvez seja, no entanto, por essa capacidade de esquecimento que a cada ano portugueses e turistas se surpreendem ao vê-las florir e, se calhar, só por pudor não nos precipitamos para junto delas para nos deixarmos fotografar nos seus tapetes roxos.

Pensando bem, que mal faria se um dos nossos colegas de trabalho fosse encarregado de estar atento ao primeiro jacarandá que florisse e chamasse a todos para um piquenique embaixo desse chapéu azul e roxo?

Com as mudanças climáticas, há quem diga que não é tempo de procurar o primeiro jacarandá a florir em Lisboa. É tempo de encontrar o último que ainda tem flores, de descobrir um já muito tímido tapete roxo em alguma rua e de ficarmos a olhar para ele – em jeito de despedida, mas sabendo que no próximo ano voltaremos a nos encontrar quando o verão estiver para chegar. E que será mais uma vez a primeira vez.



Fotos/Divulgação

Os médicos Tula (hematologista) e Nelson Siqueira (cirurgião infantil) são atuantes em sua profissão, mas não deixam de curtir bons momentos de vida social, como são vistos acima em recente festa elegante



Novamente Tula e Nelson Siqueira pontificando no Almoço do PH Revista, o mais badalado encontro social do Carnaval maranhense

Sintonia fina

Durante o evento em homenagem à mulher maranhense empreendedora, a presidente da Assembleia Legislativa do Maranhão, deputada Iracema Vale, deixou bem claro que

trabalha em sintonia fina com o Palácio dos Leões. Não por acaso essa relação de proximidade foi destacada em discurso de Sebastião Madeira, chefe da Casa Civil do governo, que representou

o governador Carlos Brandão na solenidade. Segundo Madeira, o Maranhão vive um dos momentos mais importantes da história em matéria de harmonia entre os poderes.

Brandão na China

Como o governador Carlos Brandão embarcará neste sábado para a China, na comitiva do presidente Lula, tudo leva a crer que algumas decisões sobre formação de equipe ficarão mesmo para o final da próxima semana. A grande expectativa ainda é sobre quem comandará a poderosa Secretaria de Segurança Pública do Estado. Até agora não se sabe se o atual secretário, coronel Sílvio Leite, permanecerá no cargo.

Mania de grandeza

O secretário de Cultura do governo do Maranhão, vereador Paulo Victor, já anunciou que pretende realizar em junho "o maior São João do mundo".

Para isso, ele está montando uma programação grandiosa para todos os arraiais de São Luís. Além disso, o secretário deve levar também uma

estrutura de apoio a manifestações populares no interior do estado. Se vai ser ou não o maior do Brasil ou do mundo, é aguardar e conferir.

Momento delicado

O quadro sanitário do Maranhão definitivamente exige uma atenção das autoridades públicas. Mal saímos de uma pandemia de Covid, agora o estado registra um aumento

expressivo no número de casos de dengue, chikungunya e zika, apenas nos três primeiros meses do ano. Já são cerca de mil notificações de casos das

doenças provocadas pelo mosquito *Aedes aegypti*. Os hospitais estão lotados de pessoas com sintomas de gripe, dores no corpo, nas articulações, calafrios e febre.



Fotos/Divulgação

O dress code muçulmano deve ser seguido à risca mesmo pelos turistas. A alimentação é rica, saudável e deliciosa

THEMIS CARVALHO NA PÉRSIA

Há poucos dias li a resenha de um amigo que adora aventuras por roteiros inusitados sobre um tour que o levou a Isfahan, Yazd, Shiraz, Persépolis e Pasárgada. Ele conta que o giro pelo interior do Irã durou uma semana e confirmou a ideia de que o Irã é um país belíssimo que surpreende pela diversidade geográfica, arquitetônica, social e cultural. Cada cidade tem seu mundo, seu astral, seu jeito.

Isfahan, com construções ao mesmo tempo majestosas e delicadas, tem uma beleza no estilo "tapa na cara", como o Rio de Janeiro ou Veneza. O encanto é imediato. Já Yazd, cidadezinha multimilenar no meio do deserto, vai se desvendando aos poucos. As ruas apertadas e sem janela da cidade antiga

parecem cenário de filme. Mais ao sul, Shiraz é famosa pelos jardins refinados e por abrigar os túmulos de dois dos maiores ídolos nacionais: os poetas medievais Hafez e Saadi. Nos arredores de Shiraz ficam as ruínas de Persépolis e Pasárgada, vestígios do grandioso império persa- aquemênida. Teerã, muitas vezes esnobada pelos turistas, prima pelos museus e magníficas montanhas na sua volta.

Agora mesmo, quem esteve por lá e regressou no mais absoluto estado de graça, foi a procuradora de Justiça Themis Carvalho, que achou o país lindo e adorou passear num ambiente onde a segurança é total. Ela se encantou com a comida e com a gentileza dos iranianos. E não teve dificuldade para se adaptar ao dress code



Aqui é a ponte dos 30 arcos em Esfahan erguida em 1602

muçulmano (a começar pelo uso do véu, o hijab) e ficou em êxtase diante da materialização ao vivo e em cores de tudo que ela havia pesquisado sobre o esplendor da Pérsia antiga.

Para Themis Carvalho, se você desejar visitar um país verdadeiramente original e exótico, sem McDonald's nem balada, o Irã vale muito a pena. O povo persa é extremamente educado, gentil, prestativo, afetuoso. As paisagens e a arquitetura são tão

diversas como as influências que receberam: Macedônios, Romanos, Elamitas, Babilônicos, Assírios, Árabes, Seldjúcidas, Mongóis, Otomanos, Afegãos etc.

Somente visitando o Irã podemos ver porque a Pérsia sempre foi considerada a região mais evoluída do mundo islâmico, desde a época dos Ormiadas e Abássidas. Isso vem de muito antes, da época dos Aquemênidas e Zoroastrianos.



Lou Marques com a primeira-dama do estado de Goiás, Gracinha Caiado, Ana Izabel Azevedo e Maria Vandira Peixoto



Fotos/Divulgação

A Presidente do Conselho Estadual da Mulher Empresária, Marcia Nadler, e a diretora do Conselho, Lou Marques, ladeadas por Jacira Haickel (presidente da ACM/ Mulher), Ana Izabel Azevedo (diretora da ACM) e Magnolia Rolim (vice-presidente da ACM)

Mulheres Empresárias no 2º We Fórum

O Conselho Estadual da Mulher Empresária do Maranhão, participou no Rio de Janeiro do 2º We Fórum - Women Entrepreneur Fórum: Conectando Mulheres e Gerando Oportunidades, promovido pelo CMEC Mulher - Conselho Nacional da Mulher Empreendedora e da Cultura.

O Encontro reuniu lideranças femininas que debatem sobre temas transformadores do mundo corporativo.

E contou com painéis sobre inovação e tecnologia, comunicação e tecnologia, comunicação e imagem, consumo, finanças, entre outros.



Delegação do Maranhão, que se fez presente com o apoio do Sebrae/MA

Arlete 50 anos depois

Escritora e professora aposentada da UFMA, Arlete Nogueira da Cruz Machado autografa na próxima terça-feira, 28, no Cine Lume (Renascença II), a segunda edição do romance "Compasso Binário", revista e ampliada 50 anos depois da primeira edição.

O livro traz capa do artista plástico Marçal Athayde, apresentação de Frederico Machado e comentários de Rossini Corrêa e Ceres Costa Fernandes.

O romance trata de um feminicídio e um estupro, assuntos que se agravam no momento e que já na década de 1960, a escritora Arlete Nogueira da Cruz já abordava.

Ocupando espaço

O Maranhão está na crista da onda em Brasília, afinal de contas são muitos maranhenses ocupando cargos de destaque no governo federal.

Além dos ministros Flávio Dino, da Justiça, Juscelino Filho, das Comunicação, e Sônia Guajajara, dos

Povos Originários, outros nomes despontam em postos importantes. É o caso de Hildo Rocha, que ocupa o cargo de secretário executivo do Ministério das Cidades.

O jornalista Rômulo Barbosa dirige a pasta de mídias digitais do

Ministério das Comunicações. No mesmo órgão, João Paulo Maluf comanda a área dos Correios.

O ex-candidato a deputado estadual Inácio Melo deve ocupar um posto importante na área de mineração do Ministério de Minas e Energia.



Desembargadora Ângela Maria Moraes Salazar e a juíza eleitoral Camila Rose Ewerton Ramos



A deputada Iracema Vale com a colunista de Imperatriz, Maria Leônia



A Procuradora de Justiça Mariléa dos Santos Costa e a ex-deputada Helena Duailibe Ferreira



A jornalista Wal Oliveira com Simone Ferreira de Menezes Sá



Cintia Klant Motta entre as amigas Marisa Consalter, Márcia Paz e Nazaré Souza

NO MÊS DA MULHER,

as mulheres empreendedoras foram homenageadas com festa na Assembleia Legislativa do Maranhão

Assembleia Legislativa do Estado prestou, na segunda-feira (20), homenagem a mulheres empreendedoras do Maranhão vinculadas à Rede de Negócios AME/MA. A sessão solene, conduzida pela presidente da Casa, deputada Iracema Vale, foi proposta pelo deputado Guilherme Paz. A solenidade contou com a presença de várias autoridades, entre juízes de Direito, desembargadores, defensoras públicas e promotoras de Justiça.

Em seu pronunciamento, Guilherme Paz destacou a força das mulheres no ramo empresarial e afirmou que elas estão ocupando cada vez mais espaços pela força do trabalho e competência.

Na solenidade, ele homenageou a mãe, ex-deputada Graça Paz, autora do Projeto de Lei 036/2018, que instituiu o 'Dia da Mulher

Empreendedora Maranhense', a ser comemorado em 3 de novembro. Ele destacou, ainda, o trabalho da empreendedora Katje Paz, sua esposa, que não pôde comparecer à solenidade.

A presidente da ALEMA, Iracema Vale, afirmou que o empreendedorismo feminino causa impactos no meio econômico e social.

"Quando uma mulher abre uma empresa, ela apresenta uma nova solução ao mercado. Quando ocupa um lugar de destaque, abre espaços a uma nova geração de mulheres. Por meio do protagonismo feminino, sempre estamos à frente dos negócios", pontuou Iracema Vale.

O Parlamento maranhense conta, atualmente, com 12 mulheres, formando a maior bancada feminina da história da Casa do Povo.

A empresária Idaleguga Fernandes e Silva de Castro, fundadora e presidente da Rede

AME/MA, destacou a importância da homenagem. "Esse evento mostra o protagonismo da mulher empreendedora em vários segmentos. Sinto-me extremamente feliz por este momento propiciado pela Assembleia Legislativa", destacou.

A empresária Stefany Assunção, destacou que a Assembleia, na figura do deputado Guilherme Paz, valorizou o trabalho e o esforço da mulher empreendedora. "Acho muito importante esse reconhecimento do Legislativo Estadual para com o nosso trabalho", frisou.

A personal organizer Aurema Muniz Mendes afirmou que a mulher está a cada dia ocupando mais espaços em todos os setores da sociedade. Ela parabenizou a Assembleia por valorizar o protagonismo feminino.



Mãe e filha: Évila Mendes Pinheiro com a filha Ana Gisely Mendes Pinheiro



Julieta Guterres de Abreu Pereira



Marina Reis e sua mãe Hosana Elisa Barroso Moura Reis



Adriana Pinho Lima

Fotos/Reprodução/ Rodrigo Jr.



O secretário de Governo da Casa Civil, Sebastião Madeira, Mariléa Costa e des. Jamil Gedeon



Valéria Lauande e Ricardo Medeiros



O deputado Guilherme Paz e Iracema Vale entre Patrícia Heluy e Idaleguga Fernandes e Silva de Castro



Juiza de Direito Ticiany Maciel Palácio, Glênia Gentil Bezerra de Souza e Emanuelle Schiavotelo Mendonça Silva



Rosângela Martins Nunes



Maria Clara Pinho Lima (destaque de Capa deste caderno) com o irmão João Vítor e os pais Adriana e Felix Alberto Lima



Fátima Travassos, Hosana Reis e Núbia Zeile



Renata Bogéa e Natassi Weber



Milena de Sá Araújo



Luciana Sarney Costa



Graça Mendonça e Arlete Pontes



Heliane Alencar e Telma Santos dos Anjos



Augusta Maciel



Alinne Cunha Maluf e Zezinho Braga Maluf



Ex-deputada Graça Paz e Patrícia Heluy



Raquel Miranda Jordão da Silva



Renata Cristina Serejo Savaia



Prof. Maria do Socorro Campos Naufel



Juiza Eleitoral Anna Graziella Neiva Costa



As empreendedoras homenageadas pela Assembleia Legislativa do Estado reunidas em frente ao plenário do Poder Legislativo



Ana Gisely Mendes Pinheiro, Cintia Klamt Motta, deputada Iracema Vale, Alinne Cunha Maluf e Dalila Rafaela Correia



Benigna Amorim e Kaline Guimarães Barbosa



Cintia Klamt e Fernando Motta



Tiana Passos



Natália Cruz, Dalila Rafaela Correia e Dulce Sodré



Glênia Gentil Bezerra de Souza

Fotos/Divulgação



Dois momentos marcantes de casamentos realizados em São Luís e que contaram com o glamour da presença de automóveis de época de propriedade da empresa Le Tapis (@letapism). Acima, Leticia Rodrigues e Danilo Rodrigues a bordo de um Cadillac Deville 1976. Ao lado, Leticia Fecury chegando na igreja levada por um Lincoln Town blindado

- A hotelaria de São Luís está na expectativa para a décima segunda edição dos Jogos Universitários de Praia (JUBs Praia), que acontecerão de 23 a 30 de abril, reunindo mais de 2,5 mil atletas do Brasil inteiro em 12 modalidades esportivas e que contará com uma grande estrutura.
- Os participantes ficarão hospedados em vários hotéis de São Luís, que também estão se preparando para a demanda da temporada.
- O gerente do Rio Poty Hotel & Resort, Armando Ferreira, que é também presidente da Associação Brasileira da Indústria de Hotéis (ABIH), afirmou que o empreendimento receberá grupos de atletas, assim como grande parte dos empreendimentos localizados nas proximidades da Península da Ponta d'Areia e da Arena Domingos Leal, na Lagoa da Jansen, onde os jogos serão realizados.
- O Rio Poty Hotel & Resort é estratégico para o evento, uma vez que os jogos serão realizados na área da Península da Ponta d'Areia e Lagoa da Jansen, ou seja, em suas proximidades.
- O evento, pela sua magnitude, movimentará não somente a cadeia do esporte, mas do turismo, e nós estamos preparados para acolher grupos da melhor maneira possível.

Abril Verde

O mês de abril se aproxima e nesse período órgãos públicos e instituições engajadas nas questões relativas aos acidentes de trabalho aderem à campanha 'Abril Verde', uma forma de promover a conscientização sobre a importância da segurança e da saúde do trabalhador brasileiro.

Ministério do Trabalho

O mês de abril foi escolhido porque o dia 28 é dedicado à memória das vítimas de acidentes e de doenças do trabalho. Aliás, dados do Ministério Público do Trabalho mostram que, em dez anos, quase 23 mil pessoas morreram em acidentes de trabalho no Brasil.

D Andrade

No Maranhão, a mestra em saúde corporativa com abrangência em autarquias e indústrias Daniella Andrade, que comanda a D Andrade, especializada no segmento de qualidade de vida, saúde ocupacional e consultoria, também estará engajada em diversas ações.

Descaso

O objetivo da campanha, segundo Daniella, é alertar a população de que acidentes de trabalho não ocorrem por acaso, mas por descaso. E, além da integridade física, não podemos deixar de falar sobre a integridade mental.

Principais causas

A depressão, por exemplo, tem sido uma das principais causas de pagamento de auxílio-doença não relacionado a acidentes de trabalho, seguidos de outros transtornos ansiosos, segundo a Secretaria da Previdência.

'Vumbora' é neste sábado

O público que curte shows em formato de micareta não deve perder, neste sábado, o "Vumbora", evento de iniciativa da produtora 4Mãos a ser realizado no estacionamento do São Luís Shopping. As atrações principais serão Bell Marques e Durval Lelys, artistas sempre presentes na saudosa micareta Marafolia, comandando os blocos Chiclete com Banana e Asa de Águia, respectivamente.

Trio, abadás e camarote

A proposta dos empresários Marcelo Aragão e Roberto Gurgel, sócios-proprietários da 4 Mãos Entretenimento, é exatamente relembrar essa micareta lançando mão de elementos que transportarão o público para a Avenida Litorânea da década de 1990 e anos 2000: trio elétrico, abadás, camisas vip, camarotes e corredor da folia.



CLICK Com a viagem do governador Carlos Brandão à China neste fim de semana, o vice, Felipe Camarão, também secretário de Estado de Educação, assume as rédeas do governo estadual. Na foto, Felipe entre os jornalistas Evandro Júnior e Carla Lima no Grupo Mirante



A diretora do Hotel Blue Tree, empresária Jacira Haickel, vai comandar a primeira edição do Blue Mulher

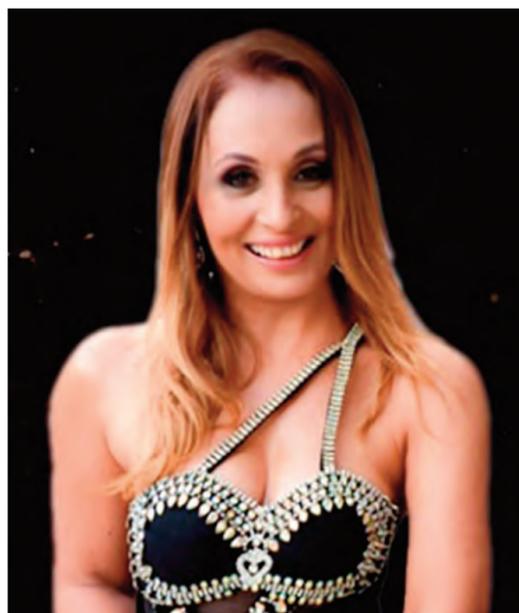
Vem aí a primeira edição do Blue Mulher

O Blue Tree São Luís Hotel realizará, na próxima segunda-feira (27), a primeira edição do Blue Mulher, evento dedicado às mulheres empreendedoras do estado.

O objetivo é promover networking e gerar oportunidades de negócios entre as empresárias maranhenses. O evento acontecerá das 17h às 22h, no lobby bar. As participantes terão até dois minutos para apresentar a solução do seu negócio de forma objetiva e direta durante um Pitch. A ideia é fazer com que as mulheres se conectem e gerem uma rede de interação e apresentação dos seus produtos e serviços comercializados



As empresárias Helanne Sá, Karine Mendonça e Fernanda Elizabeth comemorando o sucesso da inauguração do salão Belle Joli, no Renascença. O empreendimento fica localizado no Edifício Golden Tower, na Avenida Colares Moreira



A bailarina e professora Solange Costa, do Solange Costa Studio de Dança, vai surpreender novamente o público em mais uma grande produção. É o espetáculo Maktub, a ser apresentado no dia 18 de maio, às 20h, no Teatro Arthur Azevedo. O convidado especial será o cantor árabe Tony Mouzayek, que elaborou a trilha sonora da novela 'O Clone', da Rede Globo



O tinteiro e a Parker 51, que é, de longe, a caneta mais icônica da história da marca

FALAM AS CANETAS:

a Waterman Carène é a melhor caneta de tinta permanente que se pode comprar hoje em dia

Ultimamente tenho dedicado horas preciosas do meu tempo útil para limpar as minhas canetas de tinta permanente. Tenho algumas e gosto delas todas, mas são poucas aquelas com que escrevo. Um pesadelo meu é haver uma revolução e virem bater-me à porta. São os descantados. Ouviram dizer que acumulei dezenas de canetas e querem ver se é verdade.

Eu atiro-me de joelhos para o chão e confesso. Não é por maldade. É por alívio. Houve parte de mim que ansiava por aquela visita. Os revolucionários têm pena de mim (“Deixe estar, deixe estar...”), mas eu insisto. Peço apenas que me deixem as três canetas de que eu mais gosto – as outras 47 podem levar.

“Espere aí”, diz o mais afoito, “porque é que precisa de três canetas?” É verdade. Só preciso de duas: uma para escrever e a outra para o caso de a primeira se avariar.

Eis então as conclusões a que cheguei enquanto limpava as canetas:

– só se pode usar uma caneta de cada vez. Será, por isso, que estou sempre trocando de caneta? Não, não troco de caneta. Escrevo sempre com a mesma, com aquela com que mais gosto de escrever.

– a caneta favorita não é, nem de longe, a mais cara. É uma das mais baratas.

Para saber o custo verdadeiro de um objeto divide-se o preço pelo número de vezes que se usa. A caneta mais cara que tenho custou 400 reais, mas só a usei quatro ou cinco vezes. Saiu-me a 40 ou 50 reais por escrito. Não foi por ter muitas canetas que deixei de gostar tanto da minha caneta predileta. Pelo contrário, só fizera com que eu lhe desse mais valor.

Apresto-me a chegar a uma conclusão antes que os revolucionários me batam à porta: mal se encontra uma caneta de que se goste muito, não vale a pena comprar mais nenhuma.

E nunca é a mais cara. Não é assim tão fácil.

A NOVA PARKER 51

Quando soube que a Parker tinha relançado a Parker 51 – de longe, a caneta mais icônica da história da marca –, não descansei enquanto não comprei uma. Agora chama-se Parker 51 Deluxe.

Como muitos milhões de criancinhas, a Parker 51 foi a primeira caneta de tinta permanente que eu considereei minha. É preciso ver que sou do tempo em que as carteiras da escola tinham buracos para os tinteiros. E não



A Parker 51 Deluxe repousando sobre um caderno com as pautas ainda virgens

só: quando eu andava na escola, esses tinteiros tinham tinta que se usava para encher as canetas. Também serviam de piscinas para moscas – mas essa é outra história.

O meu pai, Geraldo Holanda, era um vanguardista que achava que o ser humano está sempre evoluindo e, como tal, adotava sempre a iteração mais recente de todas as tecnologias. Ele só usava esferográficas. Andava sempre com 6 Bics e dizia que lhe dava para um mês de escrita ininterrupta – quando acabava a tinta, jogava fora a esferográfica esgotada e continuava com uma nova.

A ideia de parar para ir buscar o tinteiro, extrair a tinta e depois limpar o rabo da caneta para não sujar os dedos todos, era para ele um resquício do sacrifício monástico dos copistas de iluminuras.

Mas a minha mãe, Dona Zazá, achava que ele era maluco. Quando o meu pai se punha a cantar o elogio de László Bíró, o húngaro-argentino que inventou a esferográfica (e que gostava tanto de acentos agudos que não perdoou vogal nenhuma do nome dele), a minha mãe, de Parker 51 em punho,

sugeriu que talvez fosse boa ideia o meu pai fugir com ele.

Escrevia tão bem, aquela caneta! Nesse tempo, não havia por aqui aparos finos, médios ou grossos. Eram todos grossos, ficando cada vez mais grossos com o uso. E eram todos flex, permitindo uma grande variação de linha, conforme a pressão e a rotação. Finalmente, eram todos muito molhados, deixando um caudal de azul real por onde passassem.

Uma caneta boa, como era a Parker 51, era relativamente mais cara do que é hoje, porque durava uma vida inteira. Mas não era só isso: era usada para tudo. O aparo tinha de dar para escrever números pequenos, para fazer desenhos e para fazer apontamentos rápidos em papel de má qualidade. Não era só para escrever cartas de amor, assinar cheques e brandir receitas médicas.

Hoje é triste ver pessoas com canetas muito boas que só as usam para assinar contratos e acordos multilaterais: que desperdício! Que desrespeito pela caneta, usá-la só para tentar impressionar os idiotas dos clientes! Ocorre-me agora que a minha

primeira experiência com a Parker 51 não foi possuí-la mas cravá-la. Antigamente todas as crianças eram formadas para entrar diretamente para o serviço diplomático. O pai e a mãe eram os EUA e a China e a criança era a intermediária.

Para obter fosse o que fosse, a criança tinha de enganar os parentes, aprendendo a amolecer resistências, a seduzir, a apresentar as vantagens escondidas de gastar dinheiro com a prole.

Assim me pus a cravar a Parker 51 da minha mãe. Um dos argumentos que apresentei foi o meu primeiro romance, um caderno ilustrado, extremamente influenciado por Mark Twain, com a história de um menino que fugiu dos pais para se juntar a um circo.

Ficaria para sempre como o meu primeiro romance, dizia eu, e o mundo inteiro haveria de saber que tinha sido escrito com esferográfica, só porque minha mãe não me tinha dado a Parker dela.

Muito além disso, talvez o menino não tivesse tido necessidade de fugir para um circo, se minha mãe não me tivesse negado o instrumento de escrita que me permitisse escrever um

romance menos fugitivo.

A minha mãe terminou me dando a caneta e eu o que fiz? Perdi-a. Vieram outras Parker 51 mas já não eram aquela, com tantos anos de rotação, na letra muito bonita da minha mãe.

Conto estas histórias para enquadrar a minha reação à nova Parker 51: devolvi-a. A caneta é bonita, está bem resolvida. O preço é atraente, para um aparo de ouro. Não me importo que a tampa seja de enroscar. Mas o aparo, sendo muito próximo da sensação das velhas 51, é pouco redondo, obrigando a uma posição constantemente atenta, para impedi-la de falhar.

Há uma boa notícia para quem queira uma Parker 51 das antigas: é comprar uma Waterman Carène.

Eu ainda guardo uma Parker 51 que era do meu pai. Escreve maravilhosamente. O aparo é um fino molhadíssimo, escorreito como nenhum outro da Parker. Mas alguma coisa me diz que jamais conseguirei cravar essa caneta.

Mas há uma boa notícia para quem queira uma Parker 51 das antigas: é comprar uma Waterman Carène. Tanto a Parker como a Waterman eram originariamente americanas e hoje, depois de muitas peripécias, são novamente americanas (pertencem à Newell).

São americanas mas são fabricadas na França, com o cuidado francês. A Carène que comprei é um pouquinho mais cara por causa do acabamento (“L’essence du Bleu”), mas é muito bonita e é um grande prazer escrever com ela.

Para este tipo de caneta, muito particular, há ainda uma alternativa japonesa (a pequena mas deliciosíssima Pilot Elite) e outra alemã: a Lamy 2000. Aliás, foi por uma Lamy 2000 de aparo médio que troquei a Parker 51, para fazer companhia à fina e extra-fina que já tinha. Aqui pra nós, as Lamy 2000 são melhores (e mais baratas) do que a Waterman Carène. Mas não são tão bonitas. Para mim, claro.

Resta dizer que todas as canetas foram compradas por mim a preço normal, sem qualquer informação ou interferência de qualquer empresa associada à Parker ou à Waterman ou à Newell.

Ninguém me instigou a comprar nada. Não conheço ninguém ligado às empresas em questão, nem por e-mail nem por meio nenhum.